Creio na omnipotencia politica da imprensa, creadora da opinião, redemptora das nações e paracleto dos governos.

Em nome do passado, que hoje se levanta como um epinicio, um hymno homerico; em nome do presente, que falla com a grandiloquencia de uma videncia prophetica; em nome da posteridade, que de longe nos chama e nos abençòa, como uma apotheose olympica; exultemos e nos congratulemos; e deante de ti, ó Patria, mãe uberrima e dulcissima, nós, como filhos e irmãos abraçados num só amplexo e unidos num só pensamento, nos ajoelhamos e cantamos unisonos os teus louvores numa adoração constante e perennal de amôr do amôr, que vence todas as mortes e conquista todas as immortalidades.

O primeiro centenario do jornalismo do Ceará

A IMPRENSA conterranea commemora, hoje, com festas o centenario do primeiro jornal, que se imprimiu neste Estado.

Trata-se do »Diario do Governo do Ceará», que, precisamente no dia de hoje, ha 100 annos, foi dado á publicidade.

Foi seu primeiro redactor o Pe. Gonçalo Ignacio de Loiola Albuquerque e Mello Mororó, que se celebrisou nas lutas liberaes da epoca e pagou, com a vida, o amor aos seus nobres idéaes.

Tinha esse numero do *Diario*, de cuja primeira pagina damos aqui o *fac-simile*, 20 centimetros de comprido sobre 14 de largo, custando $040.

O primeiro jornal cearense nasceu cerca de 16 annos mais tarde do que o primeiro periodico brasileiro, que foi

a «Gazeta do Rio de Janeiro», redigida por frei Tiburcio José da Rocha, e publicada a 10 de setembro de 1808.

Em artigo na «A Republica», de 10-9-1908, o illustre historiographo, Barão de Studart, aprecia as diversas datas de apparecimento da imprensa periodica no Brasil, fornecendo-nos os seguintes dados:

O *Jornal do Commercio*, do Rio surgiu a 1.º de outubro de 1827; o «Farol Paulistano», 1.º orgam de S. Paulo e o «Diario de Porto Alegre», tambem primeiro do Rio G. do Sul, viram ainda em 1827 a luz da publicidade.

O «Compilador» foi o primeiro jornal de Minas, e surgiu em 13 de Outubro de 1823.

Na Bahia, o primeiro jornal foi publicado em 1812 («Idade d'ouro do Brasil»); em Pernambuco a 27 de março de 1921 («Aurora Pernambucana»).

Acrescenta-nos aquelle dedicado perquiridor dos documentos da nossa historia:

«De ultimo, lembrou-se alguem de negar a prioridade do «Diario do Governo do Ceará» no jornalismo Cearense, chegando a essa conclusão por inferencia de documentos do tempo do governador Manoel Ignacio de Sampaio.

Nada ha de verdadeiro em tal opinião, sinão que, realmente houve uma gazeta no tempo daquelle notavel homem de governo; mas essa não era impressa, redigia-a o proprio Sampaio, que a fazia circular. Posso affirmá-lo, pois que tal gazeta faz parte do meu archivo: chamava-se «Gazeta do Ceará».

Successivamente, surgiram, no Ceará, os seguintes principaes jornaes: «O Cearense» (1825); Diario Cearense», «Gazeta Cearense» (1829) e, mais tarde, para não citar outros, entraram na arena de combate: «O Cearense», redigido por Tristão Araripe, Frederico Pamplona e Th. Pompeu, «Pedro II», «A Constituição», o «Libertador», em cujas columnas terçaram armas os mais valentes jornaistas conterraneos, nas defesas dos principios por que se nflammavam.

Foi o grande periodo das pelejas liberaes, em que se digladiavam os dous grandes partidos do imperio, da luta abolicionista e da propaganda republicana.

Desse tempo, poderiamos citar, como combatentes de fibra e de telento: Tristão Araripe, Th. Pompeu, João Brigido, Rodrigues Junior, Domingos Jaguaribe, Justiniano de Serpa, Martinho Rodrigues, Frederico Borges, Paulino Nogueira, João Camara, Virgilio Brigido, Antonio Martins, Antonio Bezerra, Almino Affonso, João Lopes, Abel Garcia, Julio Cesar, alem de outros muitos, cuja relação escapa á mesquinhez destas notas, mas que tambem tiveram assignalado papel nas pugnas do jornalismo do Ceará.

Não estão ahi taes nomes, por ordem chronologica, mesmo porque muitos delles desappareceram antes da Republica; outros, lhe sobreviveram mas nem todos permaneceram nos seus postos de combate.

Só uma testemunha imparcial dessa epoca poderia dar-nos a chronica fiel dos factos de então, quando o jornalismo cearense teve pelo brilho das pennas e valor moral ou civico das idéas que defendia, pode-se dizer, um dos seus periodos mais aureos.

Já na Republica, desappareceram «O Cearense», o «Pedro II», «A Constituição» e o «Libertador», os grandes orgãos em que se travaram as mais bellas pugnas da intelligencia cearense, representada por aquelles e outros expoentes.

Em diversas épocas, mais tarde, tivemos, como jornaes de maior vulto: «A Republica», orgão do partido acciolyno; «O Norte» (sob a direcção de Martinho Rodrigues); «O Rebate» (redigido por Tiburcio Rodrigues); o «Jornal do Ceará» (cujos principaes redactores foram Agapito dos Santos e Manoel Satyro); e «Unitario,» dirigido pelo maior jornalista cearense, que foi João Brigido.

Os quatro ultimos foram orgãos de opposição ao dominio Accioly, contra o qual promoveram tenaz campanha.

Com a queda do mesmo, desappareceram o «Jornal do Ceará» e «A Republica». Mas surgiu, logo após, a

«Folha do Povo» sob a direcção de H. Firmeza, a qual se transformou mais tarde no actual «Diario do Ceará».

O «Unitario» desappareceu em 1916, quando a vibração da pena de seu director enfraquecera e se amortecera pelos assaltos da molestia, que afinal o levou ao tumulo.

Foi essa em rapidos traços a evolução do jornalismo, no Ceará nestes cem annos, que hoje se completam.

Intellectualmente, o Ceará foi em todos os tempos uma terra de imprensa brilhante, que, por isso, tem, hoje mui nobres e bellas tradições de cultura a zelar.

Pelo lado moral, não menos a nossa imprensa tem sido digna do apreço da opinião publica, não lhe mareando o conceito uma ou outra descahida isolada que em todos os tempos se verificaram.

Materialmente, porém, sempre fomos atrasados em questão de imprensa, a qual se vê desprovida dos principaes elementos de progresso, achando-se, hoje ainda, quase no mesmo plano dos jornaes editados ha dezenas de annos passados.

Entretanto, é-nos licito assegurar que esse estado de cousas se vae ja modificando, abrindo-se novos e l rgos horizontes ao periodismo cearense.

Na data de hoje, tão grata aos que mourejam na imprensa, pugnando pelos idéaes que alimentam e zelando os interesses do povo, «O Nordeste»—orgão catholico que se compraz de cumprir com lealdade e decisão firmes o seu programma em defesa do bem estar publico e das tradições nacionaes—se congratula com os collegas desta capital e do interior do Estado, fazendo votos cordiaes e ardentes pela prosperidade constante da imprensa, e fraternidade de sentimentos dos que nella militam, em bem da harmonia e progresso da Patria commum.

Rendamos todos, porém, no meio do nosso regozijo, um preito de saudade e uma homenagem de veneração áquelles que, antes de nós perlustraram a mesma estrada, nestes cem annos de pugnas de idéaes, que constituem brilhantemente a historia magna do jornalismo no Ceará.

E, sobretudo, ao entrar a imprensa cearense no 2.º segundo seculo de existencia, assumamos comnosco mesmos o compromisso de não desviarmos a profissão que abraçamos das normas rectas por que se deve pautar, imitando os exemplos mais dignos dos nossos predecessores, para que possamos encaminhá-la por uma trilha constante e gloriosa de nobreza, serenidade, elevação de vistas e abnegação, em favor dos mais altos, mais justos e mais sagrados interesses da collectividade nacional.

(*O Nordeste*, de Fortaleza, edição de 1 de Abril de 1924).

O primeiro centenario do jornalismo cearense

HA precisamente um seculo, iniciou o Ceará a sua vida jornalistica com o apparecimento do «Diario do Governo do Ceará», aqui publicado em 1º. de abril de 1824.

Foi seu redactor o padre Gonçalo Ignacio de Loyola Albuquerque e Mello Mororó, e Manoel de Carvalho Paes de Andrade, o inditoso Presidente da Republica do Equador quem, de Pernambuco, remetteu o material typographico.

O simples enunciado desses dois nomes, que iniciaram o movimento jornalistico em nossa terra, tem algo de commovente, porque liga á memoria veneranda desses heroicos precursores da nossa liberdade o facto altamente significativo de lançarem sobre a terra escravizada o germen do immensuravel poder que havia de, mais tarde, realizar aquillo que não poderam fazer suas armas mallogradas.

Foi talvez um predestino esse baptismo de sangue dos pioneiros da nossa imprensa, que havia de viver vida precaria e tormentosa nesta terra, que não é esquiva a infortunios e martyrios.

Instavel por natureza, o Ceará nada comporta de firme e de duravel, mesmo nos dominios do pensamento, sempre agitados pelas crueis lufadas da dor e da miseria, que o torturam impiedosas.

Salvo os jornaes partidarios que têm acompanhado o curso das idéas, em torno das quaes se agruparam os nossos politicos, todos os outros orgams, representando qualquer das multiplas actividades humanas, hão tido vida atormentada e ephemera.

«O Cearense», o «Diario Cearense», «Gazeta Cearense», «O Diario do Conselho Geral da Provincia do Ceará», o «Semanario Constitucional», a «Sentinella Constitucional», o «Cearense Jacaúna», «O Clarim da Liberdade», «O Recopilador Cearense», «O Correio da Assembléa Provincial», «A Opposição Constitucional», «A Sentinella Cearense na Ponta do Mucuripe», o «16 de Dezembro», o «Pedro II», a «Gazeta do Norte», o «23 de Julho», «A Fidelidade», «O Equilibrio», a «Constituição» e «O Libertador», eis os mais notaveis orgams que, durante o regimen monarchico, dirigiram a opinião publica no Estado.

Como mui judiciosamente faz notar o illustre sr. Barão de Studart, cujas eruditas notas sobre o jornalismo cearense nos estão guiando nesta ligeira noticia—«Citar os nomes «Pedro II», «O Cearense», o «Equilibrio» e ajuntar-lhes a «Constituição», orgam conservador, publicado em 1863, e «O Libertador» que é de 1.º de Janeiro de 1881, equivale a recordar os partidos politicos do Ceará com seus programmas, luctas, decepções, e triumphos e fazer a historia politica e administrativa da antiga Provincia».

Até 1889, diz ainda o citado historiographo, «circularam no Estado, além dos acima lembrados, mais de 500 jornaes e revistas e, de então para cá, «o seu numero tem attingido a cerca do triplo, scientificos, literarios, criticos,

humoristicos, de todos os generos e de todos os formatos, uns de longa, outros de curta duração, manifestando-se ainda por este prisma a pujança intellectual, o ardor patriotico, a sêde de saber e o amor da civilização, que caracterizam o povo cearense».

No meio do jornalismo politico, que tudo absorvia então, appareceu em 1881 o «O Libertador», orgam da Sociedade Cearense Libertadora, em cuja redacção brilharam, com extraordinario fulgor, Antonio Martins, Antonio Bezerra e José Joaquim Telles Marrocos, um dos homens mais illustres e de alma mais nobre, que já produziu o Ceará.

Nelle collaboraram tambem Frederico Borges, João Cordeiro, Justiniano de Serpa, Martinho Rodrigues, Almino Alvares Affonso, João Lopes e Abel Garcia, digno estado-maior desse glorioso exercito de idéalistas, que levaram a bom termo a formosa e memoravel campanha da abolição.

Nesta ligeira resenha, não poderiamos esquecer a «Revista do Instituto do Ceará» que já no seu 37°. anno, pois data de 1887, é um preciosissimo repositorio das nossas curiosidades historicas e um attestado palpitante da tenacidade, saber e patriotismo do seu illustre director, o sr. Barão de Studart.

Celebrando, hoje, o primeiro centenario do jornalismo cearense, os que aqui trabalham, parte minima desse grande todo, que, bem ou mal, representa a vanguarda dos que moirejam na arena do pensamento, sentem-se orgulhosos, ao mirar a esteira dos que passaram, trilhando a mesma senda asperrima, em cujas urzes foram ficando gravadas as etapas da nossa vida dolorosa de povo livre.

E, ao dobrar o cabo tormentorio deste primeiro seculo de lutas, sentimos bem que ainda não morreu na alma dos batalhadores de hoje o éco da liberdade, que a penna e a voz potentes de Mororó fizeram repercutir em 1824, emmoldurando em sangue generoso o quadro imperecivel da grandeza e da gloria da Patria!

(*A Tribuna*, de Fortaleza, edição de 1 de Abril de 1924.)

O primeiro centenario do jornalismo cearense

COMMEMORA-SE hoje uma grande data na historia do Ceará: ha cem annos, apparecia, nesta cidade, a primeira folha publica, que iniciou a longa serie de jornaes e periodicos cearenses. Era o seu titulo «Diario do Governo do Ceará», e tinha por principal redactor o celebre e historico padre Gonçalo Ignacio de Loyola Albuquerque e Mello Mororó, conhecido mais abreviadamente pelo nome de Padre Mororó. O apparecimento desse jornal subordinava-se ao movimento revolucionario, que levantára no Nordeste a bandeira da «ephemera e infeliz» Republica do Equador. Era, pois, o orgão official dos audaciosos republicanos, que illustraram as paginas da historia cearense com o seu martyrio glorioso no altar da liberdade.

Graças ás investigações e á autoridade do nosso profundo historiographo sr. Barão de Studart e de seus companheiros de pesquisas, acha-se hoje estabelecido e geralmente acceito que foi esse o verdadeiro inicio da imprensa diaria no Ceará. As outras entidades jornalistas, que alguns amadores de historia julgam vislumbrar nas sombras indecisas de um passado mais remoto, não passam de phantasmas, que estão relegados definitivamente para o dominio da lenda e da mythologia.

O nosso primeiro passo na senda da livre manifestação do pensamento impresso foi, pois, o «Diario do Governo do Ceará», orgão republicano, surgido aqui sob a direcção do Padre Mororó, no dia 1.º de Abril de 1824. Não sabemos se já naquelles tempos o dia de hoje era consagrado ás noticias phantasticas, aos carapetões e aos «canards», como actualmente se verifica. Si o era, essa consideração não fez recuar aos iniciadores do jornalismo cearense: elles ponderaram sem duvida que isto seria antes uma razão de preferencia dest data para o lançamento do

diario. Com effeito, sendo o jornalismo a "historia escripta dia a dia", é impossivel que não entre, nessa primeira redacção dos factos nacionaes, muito boato, muita balela, muita invencionice, que depois devem ser depurados pelo trabalho paciente e meticuloso dos historiadores de gabinete.

O primeiro numero do "Diario" do Padre Mororó tinha, segundo o testemunho do Barão de Studart, no extracto de seu livro "Geographia do Ceará", que acaba de ser publicado em precioso folheto commemorativo do centenario de hoje, 20 centimetros de comprimento sobre 14 de largura, por cada pagina, e custava 40 réis o numero. Era seu impressor Francisco José de Salles, com o ordenado de 300$000 por anno, o que, naquelles tempos de barateza da vida, valia mais do que trezentos mil réis mensaes na quadra actual.

O "Diario do Governo do Ceará" teve vida ephemera e desappareceu com o fracasso do movimento republicano e com a morte gloriosa de seus chefes.

Seguiu-se "O Cearense", semanario, publicado na Typographia Nacional, cujo primeiro numero é de 12 janeiro de 1825.

Desde então multiplicaram-se os jornaes nesta cidade, de tal sorte que seria um nunca acabar se quizessemos ao menos enumerar os principaes. Calcula-se que, desde então até 1889, mais de 500 publicações jornalisticas differentes foram lançadas na antiga provincia.

Durante o periodo republicano esse numero chegou a attingir ao triplo, ou sejam 1.500 publicações periodicas, entre diarios, semanarios, politicos, criticos, literarios e scientificos.

Isso basta para fazer sentir o grande desenvolvimento que obteve entre nós a imprensa, essa força formidavel do mundo moderno.

Celebrando hoje o centenario dessa elevada forma de actividade de que somos um dos representantes no Ceará, não podemos deixar de olhar com desvanecimento para a longa estrada percorrida e para os progressos moraes, intellectuaes e materiaes realizados pela imprensa cearense.

A imprensa é, entre nós, uma força social de primeira ordem, um factor poderoso da vida politica, um dos propulsores do nosso progresso. Só nos resta que, com os olhos fitos no esforço de nossos antecessores, continuemos a trilhãr o mesmo caminho, com a vontade forte de nos compenetrar cada vez mais dos deveres e dos direitos do jornalismo, das pesadas responsabilidades, que decorrem do emprego dessa arma incomparavel do espirito, tão fecunda para o bem como para o mal.

(*Correio do Ceará*, de Fortaleza, edição de 1 de Abril de 1924.)

SALVE!

A IMPRENSA Cearense, com justiça, veste-se hoje de gala para commemorar a gloriosa data do centenario de seu apparecimento, como jornal, na heroica Terra da Luz e «dos verdes mares bravios».

Foi seu fundador o padre Gonçalo Ignacio de Albuquerque Mororó, secretario do governo republicano do valoroso Tristão Gonçalves, ambos martyres da liberdade, o primeiro fazilado na praça publica, e o ultimo assasinado no campo da batalha, dando ambos edificante exemplo de abnegação e estoicismo na hora extrema, em que tombaram da vida terrena para surgir nos luminosos porticos da Eternidade e da Historia.

Os grandes idéaes da humanidade têm tido sempre o seu baptismo de sangue, seguindo todos o divino roteiro do Martyr do Golgotha, fundador sagrado da magna doutrina, donde elles todos se irradiam.

Não podia escapar á regra universal a terra que surdiu para a civilização do martyrio de Pedro Coelho e do Padre Pinto, e que é muitas vezes açoutada, no seculo,

pelas inclemencias fulgidas do sol do Nordeste, e que por isso mesmo, talvez, tem sido sempre a precursora das grandiosas conquistas patrias!

Assim, foi ella quem primeiro organizou governo democratico sob a simbolica bandeira da malfadada Republica do Equador,—onde o sol nascente erguia a cruz do martyrio; quem, ao mesmo tempo, lançou a flamula do jornal no Septentrião brasileiro, e, sempre ao serviço da liberdade e da fé, fez depois o homerico feito da redempção dos captivos e a munificente conquista da Amazonia.

E' ella tambem que alerta ao brado do immortal Pontifice Pio X, e norteada pela clarividencia do seu operoso antistite, D. Manoel, tem se conservado na vanguarda da vencedora campanha da boa Imprensa, de que nos ufanamos de occupar modesto lugar de combatente, nesta catholica circumscripção, donde, genuflexos ao estandarte da Fé e ao pendão da Patria, saudamos com enthusiasmo e effusão a grande data.

Salve!

(*A Verdade*, de Bâturité, edição de 1 de Abril de 1924).

O primeiro centenario do jornalismo do Ceará

A sessão magna de hontem no Instituto do Ceará

COMMEMORANDO o primeiro centenario do jornalismo no Ceará, o Instituto Historico e Geographico realizou, hontem, ás. 20 horas, no Theatro José de Alencar uma sessão magna, que foi, incontestavelmente, das mais brilhantes e memoraveis assembléas a que temos assistido.

A'quella hora, deram entrada no Theatro os exmos. srs. Dom Manoel da Silva Gomes, Arcebispo Metropolitano, e Ildefonso Albano, Presidente do Estado.

Já ali se viam magistrados, altos funccionarios estaduaes e federaes, intellectuaes, deputados, redactores e directores de todos os jornaes de Fortaleza. etc.

Fizeram-se representar as seguintes corporações: Academia de Letras, Academia Polymathica, Liga Paraense, Sociedade Artistica Beneficente, Circulo dos Operarios S. José, Centro Artistico, Deus e Mar, Lyceu, E. de A. Marinheiros, Collegios S. Luiz, Cearense e Nogueira, Capuchinhos, Força Publica, Academia de Direito, Phenix Caixeiral, etc.

Três bandas de musica — do exercito, policia e marinha—abrilhantaram a luzida sessão do Instituto.

Pouco depois de 20 horas, deu-se inicio á sessão, sob a presidencia do exmo. sr. Ildefonso Albano, que ficou ladeado, na mesa directora, do exmo. sr. Arcebispo, dr. Thomaz Pompeu, Prefeito de Fortaleza, Ajudante de Ordens da Presidencia, dr. F. B. de Paula Pessôa, dr. Pompeu Sobrinho, Desembargador Alvaro de Alencar, Julio Cezar da Fonseca e dr. Barão de Studart.

Falou, primeiramente, o dr. Thomaz Pompeu, presidente do Instituto. Com a phrase conceituosa e grave que lhe conhecemos, o illustre homem de letras discorreu, proficientemente, sobre o ambiente politico, em que nasceu o primeiro jornal cearense, que lhe ia servir de vehiculo, o qual ambiente se caracterizava pelo arbitrio do poder e falta de garantias individuaes. Nun escorso historico modelar, estudou as luctas liberaes de então e a rebelião do Pe. Mororó contra o Imperio, terminando por firmar conceitos geraes muito seguros e muito justos sobre a imprensa jornalistica.

Logo após, o dr. Barão de Studart fez publico que, por motivos ponderosos, deixava de comparecer o orador official da sessão, dr. Alvaro Fernandes, o qual, entretanto, estamparia seu discurso na Revista do Instituto.

Dada a palavra ao sr. Julio Cesar da Fonseca, este pronunciou eloquente e vibrante oração civica em que relembrou a companha republicana e a sua actuação enthusiastica na mesma, e fez uma critica opportuna e severa da Republica no Brasil, reconhecendo que estamos divorciados da verdadeira democracia. Appellou para os jornalistas, em quem punha as esperanças de regeneração da Patria. Teceu um hymno de louvor á Imprensa e concluiu, exaltado de amor patriotico, por uma apotheose á Nação Brasileira.

Foi uma oração candente, em que o velho jornalista cearense pôs em vibração a sua alma ainda apaixonada de velho. Dir-se-ia ouvir um moço ainda no ardor do enthusiasmo juvenil, incendido pelas causas que abraçara, deixando sahir do coração as labaredas do fogo sagrado, que o imflammasse...

Ainda discursaram os srs.: Euclydes Themoteo, pela Associação dos Merceeiros e pela Artistica Beneficente; Eduardo Motta, que exalçou o papel de Mororó e lamentou a frieza em que se deixou passar a data de hontem, que encerra em si tão magna importancia; e por fim o jovem e ardoroso Moésia Rolim, em nome da Imprensa, agradecendo ao Instituto do Ceará a homenagem que o mesmo acabava de prestar ao passado, convencido de que o recuar ao que já foi é, para a alma das nações, uma das manifestações positivas de sua vitalidade.

Todos foram calorosamente applaudidos.

O sr. Presidente do Estado declarou, logo após, encerrada a sessão, de que colheram todos os presentes impressão gratissima.

Foram distribuidos aos espectadores dous optimos folhetos organizados pelo dr. Barão de Studart em commemoração á data.

O primeiro sob o titulo—*Imprensa-Jornaes*, etc.—é uma resenha bem cuidada de toda a vida do periodismo neste Estado, em que se innumeram quase todos os orgãos de publicidade, que temos tido, desde o "Diario do Governo do Ceará", até os actualmente existentes, com certa copia de informações preciosas a seu respeito.

No segundo folheto — *Commemorando o primeiro centenario do jornalismo cearense* — o Barão de Studart nos expõe toda a farta documentação, que colheu sobre o primeiro jornal conterraneo, reproduzindo quanto o mesmo continha, na sua primeira edição e nas subsequentes, e nos fornece igualmente optimos subsidios sobre a heroica personalidade de seu redactor, o Padre Mororó, de que nos dá os traços mais salientes, acompanhado dos documentos referentes á sua tragica morte na Praça dos Martyres.

Em summa, a sessão commemorativa do Instituto revestiu-se de muito brilho e solemnidade, e foi, nestes tempos de indiferentismo, uma bella e confortante lição de civismo ás gerações que passam, sem desviarem o rosto do panorama glorioso do passado patrio.

(*O Nordeste*, de Fortaleza, edição de 2 de Abril de 1924).

O centenario da Imprensa cearense

A homenagem do «Instituto do Ceará»

REALIZOU-SE, hontem, ás 20 horas, no Theatro "José de Alencar" a sessão com que o Instituto do Ceará commemorou brilhante e solemnemente a data maior da imprensa jornalistica do Ceará—o 1°. centenario do apparecimento do "Diario do Governo do Ceará", do padre Mororó.

Ao acto compareceu o que nossa terra tem de mais alto e representativo nas provincias da actividade e principalmente a nata do nosso espirito.

Viam-se alli o sr. presidente do Estado, acompanhado de suas casas civil e militar, Arcebispo D. Manoel, prefeito municipal, secretarios do Interior e da Fazenda, Corpo Consular, membros do Superior Tribunal, da Assembléa Legislativa, da Associação Commercial, do Centro dos Exportadores, do Clero, dos frades capuchinhos, da Marinha e da Força Publica, commissões da Academia de Letras, Polymatica, Instituto Polytechnico, Lyceu, Collegios Cearense, S. Luiz, Nogueira e Castello Branco, Liga Paraense, Associação dos Merceeiros, Phenix Caixeiral, Deus e Mar, Centro Artistico, Circulo de Operarios S. José, Liga Beneficente, Faculdade de Direito, juizes, advogados. corpos redactoriaes de todos os jornaes, almanachs e revistas de Fortaleza, compositores typographicos das folhas locaes, além de crescido numero de pessoas.

No palco, ladeando o sr. presidente do Estado, tomaram assento á mesa, que se achava lindamente coberta de flores, os srs. Arcebispo D. Manoel. presidente do Instituto, prefeito municipal, dr. Paula Pessoa, ajudante de ordens do Chefe do Estado, e drs. desembargador Alvaro Gurgel de Alencar, Barão de Studart, Julio Cesar da Fonseca Filho, Antonio Theodorico da Costa e Pompeu Sobrinho.

Abrindo a sessão, o presidente do Estado deu a palavra ao dr. Thomaz Pompeu, presidente do Instituto.

O illustrado orador começa estudando a situação anarchica da sociedade na epoca do apparecimento do primeiro jornal do Ceará, para depois evidenciar a quasi impossibilidade de essa folha poder actuar como força propulsora na realização das grandiosas idéas de liberdade, que empolgavam o espirito militante de Mororó e seus enthusiastas. Os governos de então diziam, como Cromwell, que «se o seu poder havia de manter-se, pouco se lhe dava o poder da imprensa».

Por outro lado, a maioria do povo brasileiro mostrava-se indifferente ao destino de suas liberdades politicas. Tal era a difficultosa situação a que vinha fazer frente o

"Diario", de Mororó. Em terreno ingrato, pois, é que se ia plantar a imprensa jornalistica cearense.

O dr. Pompeu faz o elogio da imprensa, alonga-se em importantes considerações e termina dizendo que o Instituto, ao tirar o pó do tempo que cobre o fulgor da data commemorada, nada mais faz que cumprir o seu dever de pesquisador do nosso passado.

A oração do dr. Thomaz Pompeu foi grandemente applaudida.

Em seguida, o Barão de Studart explicou a ausencia do orador official, dr. Alvaro Fernandes, a quem motivos justos e superiores impossibilitavam de proporcionar ao illustrado auditorio a belleza sempre nova e fascinante da sua palavra castiça e erudita. Accrescentou que o illustre consocio adhere de coração áquella homenagem á data e promette publicar o seu discurso na «Revista do Instituto».

Assoma então á tribuna a figura veneranda de Julio Cesar, que com o mesmo patriotico ardor da sua mocidade heroica revive em brilhante discurso, uma joia de arte e de erudição, toda a epopéa do seu passado na propaganda dos idéaes republicanos, pela cathedra, pela tribuna, pela imprensa diaria e pela acção decidida e stoica de idéalista convencido que é.

Julio Cesar explica a sua presença no recinto e regosija-se com o Instituto a que pertence e com o povo da sua terra pela decorrencia da grande data.

O seu discurso é todo um hymno á Republica e ao jornalismo, que a fez.

Meu primeiro vagido na imprensa foi um grito pela Republica—diz o orador,

Nasci na imprensa—continúa—porque foi o jornalismo que fez a Republica. E' uma affirmativa, que a Historia não pode contestar: não fosse Ruy Barbosa e a Monarchia não teria cahido em 89. Mas é preciso refazer a Republica. A Republica não é um poema, não se pode fazer como uma obra de arte; precisa ser uma força pratica e praticamente executada. Aquelles que se dizem republicanos são os primeiros a cahir nas mais ingenuas contradições: pre-

gam a verdade e fazem a mentira; querem a liberdade e praticam o suborno! A isso chama-se Republica por uma irrisão euphemica. Cumpre ao jornalismo democratizar a Republica. Cumpre ao jornalismo republicanizar a Republica. Acredito que a imprensa, como um Golgotha, redimiria a Republica.

O orador perora com arrebatadora oração aos nossos irmãos de lucta, que sonharam a Patria feliz, aos jornalistas de antanho, cujas almas naquelle momento pareciam reviver num halo de justa consagração. «Em nome do passado que hoje se levanta,—disse—exultemos, e diante de ti, ó Patria, nos curvamos reverentes e orgulhosos».

A seguir falou o sr. Euclydes Themotheo pela "Associação dos Merceeiros" e Beneficente Artistica", se congratulando com a Imprensa e com o Instituto pelo glorioso evento.

Seguiu-se-lhe o dr. Eduardo Motta, que falou em nome da Academia Polymathica.

O orador relembra o vulto de Mororó, o paladino de um ideal gigante. Põe em destaque os feitos cearenses na Amazonia, no Paraguay, em 17 e 24, na campanha abolicionista, sempre guiados pela força occulta da imprensa. Com real pesar mostra o indifferentismo de quasi todas as classes sociaes de Fortaleza por uma data tão cara a todos em geral e ao cearense em particular. Fez então a apologia da imprensa dizendo que foi o jornalismo a egide do consagrado de hontem, que regou com o proprio sangue a arvore bemdita da liberdade.

Por ultimo, em nome da imprensa de Fortaleza, fala o talentoso confrade Moesia Rolim, saudando os membros do Instituto como um preito de gratidão e homenagem pelo brilhantismo com que souberam commemorar uma data profundamente grata aos nossos corações.

A's 21 hs. e 20 minutos o sr. presidente do Estado dá por encerrados os trabalhos.

As commemorações de hontem a cargo do Instituto foram, portanto, as mais brilhantes e honrosas.

No saguão do Theatro tocaram tres bandas de musica.

—A' entrada foram distribuidos folhetos explicando a data, da autoria do eminente Barão de Studart.

—Foram apanhadas varias photographias.

—O Instituto tem recebido felicitações, por telegrammas, de suas congeneres do paiz.

(*Correio do Ceará*, de Fortaleza, edição de 2 de Abril de 1924.)

O primeiro centenario do jornalismo cearense

Sessão commemorativa no «José de Alencar»

O «INTITUTO Historico do Ceará» realizou, hontem, no theatro «José de Alencar», uma sessão solemne, commemorativa do primeiro centenario do jornalismo cearense.

Quase todos os elementos de maior representação no mundo intellectual de Fortaleza tomaram parte naquella tocante homenagem á memoria gloriosa desse grande vulto que se chamou padre Gonçalo Ignacio de Loyola Albuquerque e Mello Mororó, o creador da imprensa na nossa terra.

Presidiu a sessão o sr. Presidente do Estado, que ficou ladeado por s. exc. o sr. Arcebispo Metropolitano de Fortaleza, dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, coronel Adolpho Siqueira, prefeito monicipal, dr. F. B. de Paula

Pessoa, dr. Barão de Studart, desembargador Alvaro de Alencar, Julio Cesar da Fonseca, dr. Thomaz Pompeu Sobrinho e major José dos Santos Carneiro, ajudante de ordens da presidencia.

Aberta a sessão, o sr. Presidente concedeu a palavra ao illustre homem de letras dr. Thomaz Pompeu, cuja peça oratoria foi uma das mais bellas, que tem proferido.

O orador estudou os antecedentes do movimento revolucionario em 1824, que proclamou a ephemera Republica do Equador, esse formoso sonho de um pugillo de bravos, que tiveram a desdita de vê-lo afogado em sangue pelos defensores da monarchia nascente.

Referiu-se á anarchia reinante naquella epoca nas diversas provincias, sobretudo nas do meio-norte, cujas populações não occultavam o desagrado, que lhes causavam as preferencias do throno pelos filhos do sul.

O dr. Thomaz Pompeu fez ainda um profundo estudo sobre o estado cultural dos habitantes nortistas em 1824, quando surgiu neste rincão a imprensa com o seu primeiro orgão, o «Diario do Governo do Ceará», redactoriado por esse abnegado patriota que regou com o seu sangue generoso o solo d'onde mais tarde devia brotar a grande arvore da Liberdade.

Mostrou o importante papel da imprensa, como orgão director da consciencia dos povos, particularisando a influencia decisiva, que ella tem exercido nos nossos destinos politicos.

Muitas palmas acolheram as ultimas palavras do orador.

O dr. Barão de Studart communicou, então, á assistencia haver recebido uma carta do illustre dr. Alvaro Fernandes, um dos oradores daquella solemnidade, apresentando desculpas por lhe não ter sido possivel comparecer á mesma, a que, entretanto, hypothecava o seu decidido apoio e absoluta solidariedade.

Occupou a tribuna, em seguida, um dos nossos maiores expoentes de cultura, o sr. Julio Cesar da Fonseca, cujo discurso vibrantissimo foi uma dessas peças onde a

correcção impeccavel da fórma mal deixa comprehender a elevação moral dos conceitos.

Relembrou, numa feliz evocação, os tempos da sua mocidade, quando o seu espirito, cheio de ardor patriotico, bateu-se como gigante, na tribuna e na imprensa, a favor da Republica prostituida que ahi vemos, servindo de pasto á ambição desenfreada dos seus falsos apostolos; mas de uma Republica capaz de fazer a felicidade e a grandeza do povo brasileiro, hoje abastardado por uma politica sem idéal, vivendo do assalto ás posições de mando, que não são confiadas aos mais capazes, mas aos que melhor servem aos interesses dos sindicatos.

Numa amarga queixa, que bem traduzia a decepção soffrida pela sua alma de véro patriota, disse o velho lutador, que a Republica não foi para os que a fizeram, nem mesmo para os que chegaram á ultima hóra, mas para os que vieram depois colher-lhe os fructos sazonados pela obra grandiosa de alguns abnegados pioneiros atirados ao ostracismo, onde vão morrendo como victimas de um idéal que não viram realizado.

Tendo sido um dos mais ardorosos propagandistas do regimen, que se implantou no paiz em 89, doia-lhe n'alma confessar que nestes trinta e cinco annos de Republica nenhum passo conseguimos dar no terreno das conquistas liberaes; mas, ao contrario, perdemos todas aquellas, que nos legou o segundo imperio, cujo exemplo de honradez e de tolerancia são esquecidos pelos que hoje governam.

Haja vista a liberdade de imprensa que, no reinado de Pedro II, nunca soffreu restricções, ao passo que hoje, em pleno dominio das democracias, a consciencia brasileira se sente asphyxiada pela lei mais iniqua de quantas tem sido votadas como instrumento de garrote ao pensamento humano.

O orador estendeu-se em bellas considerações sobre a imprensa, essa poderosa clava que tem derrubado governos e regimens, oppondo-se sempre aos designios criminosos dos dominadores, que procuram amordaçá-la com leis tyrannicas.

Palmas vibrantes estrugiram no recinto, quando Julio Cesar proferiu as ultimas palavras de sua formosa oração.

Falaram ainda, das galerias os srs. Euclydes Timotheo, pela «Associação dos Merceeiros», dr. Eduardo Motta, pela «Academia Polymathica» e o academico Moésia Rolim, em nome da Imprensa Cearense.

Ninguem mais querendo fazer uso da palavra, o sr. Presidente declarou encerrada a sessão, que foi uma homenagem brilhantissima ao glorioso precursor do jornalismo no Ceará e um daquelles cujo nome a historia da nossa terra inclue, com inteira justiça, entre os martyres da Liberdade.

(*A Tribuna*, de Fortaleza, edição de 2 de Abril de 1924.)

A sessão magna do Instituto em commemoração ao centenario da imprensa no Ceará

REVESTIU-SE da mais alta imponencia a sessão magna commemorativa do primeiro centenario do jornalismo no Ceará, por iniciativa do incançavel perquiridor da nossa historia Dr. Barão de Studart.

Ao centro do palco, em torno de uma longa mesa coberta profusamente de flores naturaes, sentou-se s. exc. o sr. Ildefonso Albano, presidente do Estado, ladeado por s. exc. revmda. d. Manoel, arcebispo metropolitano, coronel Adolpho Siqueira, prefeito da cidade, major José Carneiro, ajudante de ordens da presidencia, e drs. Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Barão de Studart, Paula Pessoa, Thomaz Pompeu Sobrinho, Alvaro de Alencar e Julio Cesar da Fonseca Filho, illustrados socios do Instituto do Ceará.

A's 20 hs. 25, o exmo. sr. Ildefonso Albano concedeu a palavra ao dr. Thomaz Pompeu, que proferiu subs-

tancioso discurso, que publicaremos em proxima edição, em que apreciou a psychologia da sociedade coetanea de Mororó, ao fazer editar-se o primeiro jornal cearense. O autorizado e brilhante homem de lettras fez uso da palavra durante treze minutos, seguindo-se-lhe os srs. Julio Cesar, Euclides Themoteo, pela Associação dos Merceeiros e Centro Artistico, dr. Eduardo Motta pela Academia Polymatica e Moesia Rolim.

Todos os oradores ao concluir receberam prolongados e unisonos applausos da assistencia numerosa, que enchia o recinto do theatro José de Alencar, dentre a qual se viam as representações de estabelecimentos de ensino, sociedades de lettras, auctoridades e imprensa,

As bandas musicaes do 23° B. C. e da Escola de Apprendizes Marinheiros tocaram no decorrer da ruunião á frente do edificio.

O sr. dr. Barão de Studart apresentou aos presentes as desculpas do illustre dr. Alvaro Fernandes, orador official daquelle acto, por lhe não ter sido possivel comparecer ao mesmo, promettendo, entretanto, fazer publicar, no proximo numero da Revista do Instituto, o trabalho que preparára.

Por fim, cabe-nos apresentar ao Instituto do Ceará os effusivos parabens pelo brilho excepcional da imponente reunião civica.

(Do *Diario do Ceará*, de 2 ds Abril de 1924.)

Centenario do jornalismo cearense

O Instituto do Ceará commemorou hontem, em sessão solenne, realizada no Theatro José de Alencar, o 1° centenario do jornalismo cearense, discursando em nome dessa respeitavel e douta aggremiação os illustrados drs. Thomaz Pompeu e Julio Cesar da Fonseca.

Compareceram á solennidade muitas pessos de alto destaque litterario e social.

Foi profusamente distribuido um folheto da lavra do sr. Barão de Studart sobre a vida dos jornaes do Ceará, desde 1 de Abril de 1824 até nossos dias.

Como detalhadamente noticiamos na passada edição, o 1° jornal apparecido em Fortaleza chamava-se "Diario do Governo do Ceará", sendo seu director o inolvidavel Padre Mororó, que morreu fusilado, annos depois, por ordem dos despotas de então.

(D'*O Imparcial,* de 2 de Abril de 1924,)

O centenario da imprensa jornalistica cearense

CEM annos...

Ha um seculo erigiu-se neste rincão da patria o poder civilisador da imprensa. Foi Mororó, um visionario, quem primeiro combateu de publico, com a palavra escripta, os erros dos nossos antepassados e propugnou os grandes adventos, que hoje abrolham em preciosas messes.

Foi Mororó o primeiro thaumaturgo do nosso jornalismo,

. . . . . , ... , . . .

Ao bispo de Autun, famoso presidente da Assembléa Nacional de 1790 e mais famoso diplomata, attribuiu-se o asserto de ter sido a palavra dada ao homem para este melhor velar os seus pensamentos.

Póde isto conter alguma verdade, mas não exprime, ao certo, uma verdade integral.

A arte, a sciencia e a moral são hoje thesouros portentosos e inauferiveis, que vinte seculos de cultura christã

não formariam si a palavra não exprimisse verdades incontrastaveis.

Como a Chaldéa, o Egypto e maiores civilisações asiaticas reflorescerian na Grecia; como a Grecia fecundaria o espirito do Latium, e este os povos, que fluiram e refluiram até nós, si a palavra não retivesse verazmente as observações e o sentir humano?

Que ha de novo e empolgante, que não seja um élo de immenso sorites, cuja idéa primeira se perde na immensuravel noite do passado?

Nessa obra ingente e collossal de sedimentação, que é o saber hodierno, a palavra escripta, sobretudo, ha sido o mais efficiente vehiculo, o elemento primacial do exito, a garantia de fructos ainda mais opimos, que hão de vir.

E, sob este ponto de vista, quem diz palavra escripta jà não exprime senão duas fórmas emissivas—o *livro* e o *jornal*,—o livro—formação graphica mais completa, por sua extensibilidade e duração, tem a virtude sobrehumana da immortalidade, e é, sem duvida, a materia plastica das grandes construcções do espirito.

O jornal, muito embora de natureza transitoria, fugaz, ephemera, pede meças ao livro por sua utilidade, efficiencia e promptidão. Como o astro rei, elle nasce e morre cada dia, para renascer, imperar e remorrer amanhã, constante e imperturbavel no seu cyclo, espargindo luz e vivificando com a propria seiva, qual perdulario Cresus, que malpreza o ouro e a vida propria.

Como a Phenix, elle tem no seu trespasse quotidiano o segredo de uma vida sempre renascente. Ha nos seus lampejos a immanencia da resurreição e a causa de uma mocidade sempre inedita, seductora, perenne e inextinguivel.

E, precisamente, porque elle é assim, todos o estimam e por elle se deixam influenciar e seduzir,

Illustra, não profundamente como o livro, porém mais suavemente, mais docemente, mais promptamente. Entretem, aconselha e ensina sem fatigar.

E' o grande conselheiro do povo; o seu mestre de

civismo; seu guia nas horas incertas do perigo, nos prelios da honra, nas conquistas de suas liberdades mais caras.

Depois de Guttemberg, onde quer que tenha surgido uma nobre idéa, onde se acha christalisado uma justa aspiração, tereis a imprensa triumphante colhendo os louros da victoria,

Entre nós tudo se lhe deve. Nossa historia é a historia do nosso jornalismo. Gonçalves Ledo, Nabuco, Ruy Barbosa são expressões de um mesmo sentir, episodios da vida nacional, que palpita lucida, vehemente e integral nas paginas dos nossos periodicos.

Nellas, encontra-se, muita vez, a alma nacional liberta de atavios, despida de interesses e de conveniencias, em attitudes de belleza perfeita e de pureza quasi ideal...

Que se retrilhem os aureos fastos da nossa Independencia, da Abolição, da Republica...

(D'*O Correio do Ceará*, de 3 de Abril de 1924.)

NO JOSE' DE ALENCAR

A commemoração do primeiro centenario da imprensa cearense

GRAÇAS á louvavel iniciativa do Instituto Historico e Geographico do Ceará e a ácção incansavel do seu benemerito presidente, não passou despercebida a passagem do primeiro centenario da imprensa cearense.

No dia primeiro, ha cem annos, appareceu nesta cidade o primeiro jornal cearense, o "Diario do Governo do Ceará," redigido pelo famoso padre Mororó, um dos chefes

do movimento republicano de 1824, e destinado a servir de orgão do governo revolucionario aqui instituido. Foi um dos mais antigos jornaes apparecidos no Brasil; basta dizer que somente trez annos e meio depois oppareceu, no Rio de Janeiro, o "Jornal do Commercio", o actual decano da imprensa nacional. O primeiro jornal de São Paulo, o "Farol Paulistano", surgiu tambem em 1827. Somente neste anno, o Rio Grande do Sul deu o seu primeiro passo na senda da liberdade do pensamento por meio da imprensa. Neste terreno, o Ceará só foi precedido pelo Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará.

Trata-se, pois, de uma data particularmente gloriosa para o nosso Estado, pois, segundo nos parece, o "Diario do Governo do Ceará" foi o *primeiro jornal republicano lançado á publicidade no Brasil.* Eis uma data bem digna de figurar ao lado da de 25 de Março, que assignalou o ultimo dia da escravidão! Assim, o Ceará foi o primeiro que viu em lettra de fôrma a expressão da idéa democratica no seu maior esplendor, como foi o primeiro que viu a abolição da escravatura: deante destes dois factos, podemos dizer com orgulho que verdadeiramente não roubamos o nome de Terra da Luz...

———

O primeiro centenario da nossa imprensa foi condignamente celebrado, em uma solenne sessão realizada antehontem, ás 20 horas, no Theatro "José de Alencar", por iniciativa do Instituto Historico e Geographico do Ceará.

A selecta reunião foi presidida pelo sr. presidente Ildefonso Albano, que teve ao seu lado o sr. Arcebispo Dom Manoel e o dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil.

Fizeram igualmente parte da mesa os srs. Barão de Studart, dr. Julio Cesar da Fonseca, dr. Thomaz Pompeu Sobrinho e major Carneiro, ajudante de ordens do sr, presidente do Estado.

Foram pronunciados pelos srs. Barão de Studart, dr. Thomaz Pompeu, dr. Julio Gesar da Fonseca eloquentes discursos sobre o grande acontecimento, que se commemo-

rava e sobre o papel e o destino do jornalismo na historia do Ceará.

Falaram tambem o sr. Euclydes Themcteo, pela "Associação dos Merceeiros" e "Centro Artistico", Eduardo Motta, pela "Polymatica", e Moesia Rolim, que em nome da imprensa actual agradeceu ao Instituto do Ceará a feliz iniciativa da commemoração que ali se fazia.

O sr, Barão de Studart justificou a ausencia do orador official do Instituto, o sr. dr. Alvaro Fernandes, cujo discurso será opportunamente publicado na Revista daquella associação scientifica.

(Do *Jornal do Commercio*, de 4 de Abril de 1924.)